

Primeiros sinais de recuperação

Francisco Barbosa*

Os sinais da recuperação econômica estão fortes. As vendas melhoram, a produção cresce, o transporte de cargas comprova o aumento dos volumes e os fornecedores de componentes, de matérias-primas e de embalagens recebem crescentes pedidos.



Sem dúvida, é a recuperação se montando. É o processo natural se impondo ao artificialismo. A previsão de forte recessão no primeiro semestre de 1991, utilizada no último trimestre de 1990 junto com o arrocho monetário, a partir de setembro, para ajudar a segurar a inflação, desarticulou essa mesma recuperação que já se impunha desde junho de 1990, trazendo a forte recada entre novembro e janeiro e estendida por mais um mês pelo congelamento.

A recuperação, portanto, volta a se impor. Desta vez mais forte, porque a recada desarticulou o que começava a se rearticular. Foi a desestocagem e a desarticulação do desestocado e desarticulado. Mais outro acidente de política econômica dos que temos suportado nestes últimos doze anos. Estoques baixos demais e produção desarticulada, além de inflacionários — apesar do controle (?) do déficit público —, são aquecedores. A recuperação tende, portanto, a se acelerar. Deve estar havendo, de fato, alguma especulação, vi-

sando ao provável descongelamento, mas se trata de efeito adicional e não, por si só, determinante.

A recuperação se mostrará rápida, vigorosa, multiplicativa, irradiada a todos os cantos, chegando logo aos investimentos, porque a capacidade ociosa tenderá a se esgotar rapidamente.

Não se trata apenas de reposição de estoques. Toda recuperação começa por aí mesmo, pena que ainda não se tenham conscientizado disso. A reposição de estoques estabiliza o emprego, que promove a retomada do consumo, que garante a continuidade das vendas e da recuperação. Portanto, estamos diante de uma tendência positiva. A economia, por si só, está se empurrando para cima. Não precisam fazer nada (na política econômica). Ela caminhará positivamente por si própria, aliás a única forma pela qual sabe caminhar bem. Não só não precisam fazer algo como, como sempre, não devem. O risco de desarticulação só poderá vir de novo pacote desarticulador.

E olhem: precisamos parar com esses pacotes e políticas. Na essência, são eles que desestabilizam e nos empobrecem há anos. Estão fundados em teorias que não têm nada a ver com o processo econômico efetivo.

O que a liquidez de ativos financeiros tem a ver com a inflação? Como um bloqueio de capital de giro de empresas pode segurar inflação sem desbalancear terrivelmente o processo produtivo? Arrocho monetário adia a demanda final enquanto desarraja a oferta e as arrecadações.

Como pode ser usado como política antiinflacionária se o que produz, na fase seguinte, é um quadro inflacionário de difícil controle?

A recuperação que se está formando é para valer e vai-se impor. Em seguida, uma vez a capacidade ociosa preenchida, teremos a expansão. A realidade positiva aniquilará o pessimismo irrealista. Os aumentos de pedidos e de vendas serão cada vez mais fortes do que as previsões catastróficas. Até mais que isso, converterão os pessimistas.

Precisam, definitivamente, ser consideradas duas coisas distintas: crescer dentro da capacidade e crescer a capacidade. Crescer a capacidade requer investimentos, mas com capacidade ociosa não há investimentos. Para crescer a capacidade, precisa-se ocupar a capacidade existente. A recuperação que ora se forma fará preencher essa capacidade. Basta deixá-la se impor. Com o preenchimento da capacidade, que tende a ser rápido, virão os investimentos e, com eles, a expansão. Mesmo que não queiram, mesmo que não a tenham previsto ou promovido.

Estamos, portanto, diante de uma nova fase positiva natural, independentemente de esforços, de políticas, portanto, a dispensar méritos a alguém. A fase será positiva, apesar deles, não por eles.

A pressão inflacionária estará junto. Mas, basta trabalhadores e empresários acordarem para limitá-la e exigirem que o Estado mantenha seu equilíbrio orçamentário até que as arrecadações cresçam

e, depois que crescerem, que se cuide de reduzir a carga tributária que vem empobrecendo a todos. São rios de dinheiro que se jogam no lixo (versão popular de recursos produtivos utilizados para produzir nada e enriquecimento imerecido).

Refaçam suas estratégias os empresários, porque a ocupação de capacidade ociosa deverá dar-se rapidamente. Pode ocorrer em torno dos próximos seis meses, no máximo até o final do ano. Investimentos levam tempo para se realizarem. A indústria brasileira de investimentos nunca esteve tão desarticulada e destruída. O "timing" nesse ponto será crucial. Pesará demais no retorno.

Há o risco de novas políticas desarticuladoras? Há. Mas, afinal, já é hora de a comunidade inteira (não só empresários...) começar a brigar contra as besteiras. Pelo bem geral.

Quanto pode durar a expansão? No mínimo um ano. Então, fase positiva garantida até final de 1992. Como alongá-la? Só não deixar a economia se estocar demais novamente. Como fazer? Livre mercado, principalmente para a taxa de juro. Os 6% fixos ao ano da caderneta de poupança têm tudo feito extremamente desarticulador. A taxa máxima de 12% ao ano, prevista na Constituição, é uma loucura. Superdimensionará as recessões. Política monetária? Só atrapalha.

Vamos trabalhar, doravante, a favor dos aspectos positivos?

* Diretor e estrategista-chefe de investimentos do Citibank Private Bank.